

A ABELHA.

PERIODICO UNIVERSAL.

N. 12.

Quarta-feira 30 de abril de 1856.

1.º Anno.

Publica-se nos dias 15 e ultimo de cada mez. As correspondencias e reclamações devem ser dirigidas ao escriptorio da redação, na rua do Sabão n. 45, onde se recebem assignaturas por 6\$000 por anno para a corte, e 6\$500 para as provincias.

Ascensão das Serras.

Todas as folhas da capital derão ha dias, com grandes elogios, a noticia de diversas experiencias, que tiverão lugar na fabrica da polvora, tendentes a mostrar a excellencia de um meio, de que pretende lançar mão Mr. Milligan para realisar, sem o emprego dos motores conhecidos, a ascensão das nossas montanhas. Si a pratica acompanhar a fortuna das experiencias, nada haverá que iguale aos proveitos e vantagens que sobretudo o Brasil pôde tirar do novo locomotor.

Dizemos, sobretudo o Brazil, por que segundo pensamos não haverá paiz algum, onde se verifiquem tão repetidamente as condições que exige o novo invento. Abundancia d'agua nos montanhas, eis quanto se pede; e isso poderemos nós dar com toda a fartura.

E' rara a serra do Brazil que o viajante não percorra desde a raiz até o pincaro, acompanhado sempre do ruído das multiplicadas cascatas, que dão origem, ou engrossão os caudaes, que vão regar as varzeas longinquoas. Essa abundancia d'agua tem sido mesmo até aqui um dos grandes embaraços á conservação das estradas, e é a ella que se deve a má fama dos nossos caminhos em geral.

Pois bem: esse mal vai ter resultado de grande vantagem, e o que era até agora um empecilho á viação das serras vai tornar-se o grande meio de seu aperfeiçoamento. Tudo consiste em que se achem os meios de reduzir o preço que devem custar os novos aparelhos, de maneira que a economia acompanhe a commodidade e a segurança.

A grande conquista do vapor ainda não

está tão completa como parece: não se lhe podem negar os mais assombrosos triumphos sobre o tempo e sobre o espaço; mas as grandes despesas em que montão as vias ferreas, principalmente atravez de serranias, como as que cortão o nosso solo, hade retardar por força o gozo d'esse formidavel aperfeiçoamento, o que entretanto—digamos para resolver qualquer objecção—não é um motivo de desanimo, antes deve ser um incentivo, ás tentativas, pois talvez a difficuldade seja facil de vencer: n'este seculo já não é licito desesperar da sciencia humana.

Em quanto porém esta difficuldade se não corta, não será possível achar um meio, que sem comportar as grandes despesas e até mesmo o risco das vias ferreas, nos liberte, em matéria de transporte atravez das serras, do emprego da força despendiosa e insufficiente dos animaes?

Esse meio existe e as unicas difficuldades á sua realisacão ficão já apontadas.

O principio de que lançou mão Mr. Milligan não é uma novidade na sciencia, mas é uma novidade na sua applicação á viação terrestre.

Não ha muitos annos forão experimentados, cremos que no Rheno, uns barcos que devião subir o rio pela propria força da descida d'agua, isto com o emprego de um aparelho de rodas de pás, que recebendo o impulso d'agua, e girando por elle sobre seu eixo, impellião os barcos no sentido opposto ao da corrente.

Essas experiencias porém não tiverão bom exito, e a tentativa foi abandonada.

E' esta a mesma idéa de Mr. Milligan applicada á viação ascencional terrestre.

A experiencia foi feita nas peiores condições, mas apesar d'isso produziu um maravilhoso resultado. Uma calha ou cano de tres palmos ou pouco mais, de profundidade feita sobre um plano inclinado, e destinada a conduzir agua para certos mesteres da fabrica, servio á primeira tentativa. Sobre as bordas d'essa calha assentarão-se duas barras de ferro, que servião de *rail*; sobre estas assentavão as rodas do carro destinado a conter os objectos de transporte, a cujo eixo se prendião os raios de outra roda de pás que entrava na calha e tocava quasi ao seu fundo. O carro, as rodas, as pás, os trilhos, a calha tudo estava grosseiramente preparado, mas ainda assim, apenas a agua solta da represa, que existia na parte superior da calha, veio tocar as pás da roda o carro começou a mover-se, e subio, ainda que lentamente, toda a extensão da calha levando um peso de mais de cem arrobas, distribuido nas peiores condições.

Na occasião em que estivemos presentes a experiencia repetiu-se muitas vezes, sempre sem o menor tropeço ou embaraço. Notou-se n'uma d'essas vezes, em que o carro teve de subir sem levar peso algum, que a differença da velocidade apreciavel era muito pequena. De outra vez amarrárão-se cordas ao carro; diversos homens, puchando por estas, procurarão impedir-lhe a ascensão; não o puderão conseguir e forão arrastados.

Deixemos aos homens da sciencia tirar todos os corollarios que podem nascer dos factos que ficão estabelecidos por semelhante experiencia. Quem sabe o desenvolvimento que a idéa póde vir a tomar, que obra não sahirá d'aquelle ligeiro esboço. Como quer que seja, é um passo dado no grande caminho das conquistas industriaes.

Esse passo não fica por certo perdido, nem mesmo por ser dado em nossa terra, onde tantas cousas se perdem. Quereis saber porque? Temos orgulho em dizê-lo, é porque no projecto de tornar effectiva a idéa de Mr. Milligan se acha empenhado o barão de Mauá, que ainda não faltou a um só dos grandes compromissos industriaes que tem a si tomado.

No relatório da companhia da estrada de ferro de Petropolis, que aquelle senhor como seu presidente apresentou este anno, acha-se consignado o projecto de realisar na serra que conduz áquella colonia o novo systema de viação. O barão de Mauá offerece-se mesmo a tomar sobre seus hombros todo o encargo da tentativa se a companhia não quizer para isso concorrer, tão grande é a fé que elle deposita na nova idéa. A companhia, porém, é natural que não aceite o generoso sacrificio a que se offerece o barão, e que queira partilhar, quem sabe, da gloria de ter concorrido para o estabelecimento de um grande systema que póde trazer immensas vantagens ao paiz.

Se a serra de Petropolis fór a primeira em que se ensaie o novo systema, não precisaremos lembrar a serra do Cubatão, como a segunda que de mais perto offerece iguaes, senão melhores condições para semelhante empresa.

Além d'estas muitas outras, para não dizermos quasi todas, achão-se em circumstancias de serem apresentadas para aquelle fim, com toda a segurança de bom resultado.

Parabens a Mr. Milligan; louvores ao barão de Mauá.

O bordo sacharifero.

O bordo sacharifero, *acer sacharinum* dos botanicos, *érable á sucre* dos francezes, e *maple* dos americanos do norte é uma arvore gigantesca, que assume muitas vezes 30 a 40 metros de altura, tendo de ordinario 20 a 25.

Suas folhas são na forma semelhantes ás da uva, fendidas em cinco lobulos agudos e dentados. Aveludadas, esverdeado-esbranquiçadas na sua superficie inferior, são de um verde brilhante na superior, principalmente na primavera; mas a medida que o outono se approxima vão adquirindo tintas que apresentam a gradação da cor de laranja até a de purpura.

As flores começam a apparecer em abril; são corymbos amarellados suspensos, como cachos de groselhas. Os fructos consistem em duas capsulas aladas de forma ovóide, contendo apenas dois ou tres grãos verdoengos.

Encontra-se esta arvore nas vastas florestas da America do norte, no Canadá e Estados-Unidos entre 40° a 46° de latitude até as proximidades das Montanhas Rochosas. E' ainda pouco espalhada na Europa; nas florestas da

Austria, na Bohemia, Moravia e Hungria existe em grande quantidade, e alguns ricos proprietarios do norte de França tem-n'a já plantado da melhor especie em porções consideraveis das suas terras.

O assucar do bordo é hoje um dos ramos mais importantes do commercio do Canadá. O anno passado elevou-se o valor da sua producção a vinte e cinco milhões de *dollars*, e essa enorme somma tende ainda a crescer gradualmente em consequencia de continuar a plantação da arvore em grande escala.

Ao sul do estado de New-York este producto regula annualmente por quarenta milhões de kilogrammas; e no Michigan, Maine, New-Hampshire, Wisconsin, Missouri, Illinois e Pensylvania, onde a população é menos consideravel em relação á extensão do solo, o assucar proveniente das florestas de bordo, segundo as estatisticas de 1884, foi avaliado em duzentos milhões de kilogrammas.

Na Bohemia o principe de Auenberg colhe regularmente todos os annos de seis a sete mil quintaes de assucar, proveniente das matas de bordo, plantadas em seus dominios por seus avós.

No tempo proprio do movimento da seiva d'esta preciosa arvore, os agricultores dos Estados-Unidos e do Canadá, que se dão ao fabrico do assucar fornecido por ella, feitos os seus preparativos dirigem-se em caravanas com a sua gente, e carros puchados por cavallos, contendo os viveres e o trem dos vasos necessarios, á operação que vão emprender.

Logo que chegam levantão perto de uma fonte, em alguma clareira no centro dos bosques, o seu acampamento—*sugar camp*—de ordinario abrigado á sombra de magnolias seculares poupadas pelo machado.

No meio d'esse acampamento formado de algumas barracas de panuo grosseiro, faz-se uma grande fogueira destinada á preparação dos alimentos e do assucar, e a aquecer os membros enregelados dos exploradores.

Durante a noite collocão-se os carros em volta do acampamento para proteger os trabalhos contra os ataques dos animaes, que em grande numero espreitam a occasião favoravel para beberem o liquido assucarado contido nos vasos. Uma ou duas sentinellas velão pela segurança dos productos existentes n'essa officina improvisada, e pela vida de seus companheiros, ás vezes ameaçada pela ferocidade das onças.

Não poucas vezes alta noite soa o estrondo de um tiro, e a sentinella lá vai apanhar junto de alguma das tinas um quadrupede morto em flagrant. Os trabalhadores as mais das vezes apenas se mecham no seu leito de folhas seccas. Não vale a pena erguerem-se; pois que a sentinella não levantou o alarma do perigo,

nem ha a receiar o ataque dos Pelles vermelhos, pois que os que habitão nas vizinhanças pertencem ás tribus amigas e não atacam os brancos.

Terminado que seja o acampamento, e reunida a lenha conveniente, os exploradores dispersão-se pela floresta, levando consigo trados de perto de nove linhas de diametro, tinas de pão para recolherem a seiva, e tubos ou de sabugueiro ou de bambú ou mesmo de folha de Flandres.

Escolhidas as arvores, na altura de um metro do chão furão-nas obliquamente debaixo para cima, de modo que o trado penetre só até meia pollegada no alburno. Tem-se conhecido que o furo feito até ahí produz mais escoamento de seiva do que se penetrasse além para o mago da arvore. Costuma-se tambem fazer furar a parte da arvore voltada ao meio-dia; comquanto não seja essa pratica indispensavel, é todavia preferivel.

Feito isso introduz-se no furo feito pelo trado um dos tubos, e espera-se pela seiva que cae primeiro ás gottas, depois em fios delgados, terminando por uma corrente abundante. A medida que se vão enchendo as tinas despejão-se na caldeira em que se tem de operar a evaporação e cristalização do liquido. Tem-se cuidado que a madeira das tinas seja tal que não impregne o assucar de materia colorante ou de máo gosto.

Acontece haver as vezes tal abundancia do succo ou caldo sacarino que não é possível preparal-o no mesmo dia, e então guarda-se em toneis, com tanto que se não conserve n'elles mais de dois dias, porque a sua fermentação opera-se depressa; principalmente se acontece haver qualquer elevação na temperatura glacial que reina.

A evaporação produz-se a custa de um fogo activo, e logo que o caldo serve e se condensa, escuma-se com cuidado, accrescentandose-lhe de vez em quando nova quantidade até que se reduza a consistencia de xarope.

Deixa-se então esfriar e quando está morno cõa-se por um panuo de lã.

Quando a ebulição está no seu auge e tende a fazer trasbordar o liquido, costumão para aplacar-lhe o impeto lancar dentro uma porção do toucinho ou de manteiga, e então subitamente a escuma cede, e o caldo toma o seu nivel.

Conhece-se que está bom para se lancar nas formas o caldo, quando tomando-se entre os dedos percebe-se que se tem formado pequenissimos geãos.

O assucar assim fabricado é semelhante na cor e sabor e outras qualidades ao nosso mascavado de canna.

O tempo da extracção do succo do bordo é de seis semanas; passado elle é menos abun-

dante e não crystallisa. Faz-se então d'elle mellaço ou vinagre.

Um bordo bom dá em tempo competente de 3 a 4 libras de assucar; o que varia segundo as vicissitudes atmosphericas. Se o inverno é frio e secco o producto será consideravel, acontecendo o contrario se fôr humido e chuvoso.

Tem-se calculado que tres homens podem velar no producto de 250 arvores, que dão mil libras de assucar.

Basta ter o cuidado de não furar as arvores nos mesmos lugares, para que ellas pelo longo espaço de 20 annos possuão, sem nada soffrer em seu vigor, dar sempre a mesma quantidade de succo.

As arvores que nascem nos lugares humidos dão mais seiva que os que crescem em terreno secco e montanhoso. O liquido fornecido por estas ultimas é claro e limpido como agua filtrada, agradavel ao paladar, e uma bebida muito sã.

No Canadá as refinarias do assucar do bordo são organisadas com todo o cuidado, e aceso.

Valeria a pena tentar entre nós no Rio Grande do Sul, o plantio do bordo saccharifero.

Comquanto elle se dê na parte media da zona temperada do hemispherio septentrional, entre 40 a 46° de latitude, como vimos, e o limite ao sul d'essa provincia não chegue a tantos grãos, é certo que algumas rasões conspirão para que o nosso hemispherio nas zonas temperada, e frigida seja mais frio do que o do norte n'essas mesmas zonas; e portanto pôde bem acontecer que a parte meridional da provincia de S. Pedro apresente uma temperatura propria á natureza do bordo em questão.

Pouco se perderia se a experiencia falhasse, ao passo que alguma cousa haveria a ganhar se chegasse a vingar.

Era mais uma industria que se introduzia n'essa provincia e sem duvida muito mais facil do que a sua congenere tão seguida nas que lhe ficão ao norte.

Raças principaes e creação de cavallos.

I.

TIPOS DIVERSOS.

As modificações profundas que se formão sob a influencia das mesmas causas, com o andar do tempo, na organisação dos animaes domesticos, e se transmitem por herança, determinão o que chamamos raças.

O clima e natureza do solo são sem duvida

muito importantes na formação das raças; a 1.ª d'essas causas exerce a sua acção sem interrupção pelo ar que os animaes respirão, e os banha; e ambas pela modificação nas qualidades das plantas empregadas na sua nutrição. Porém nenhuma dellas é mais poderosa do que a vontade do homem, ajudado dos meios que lhe fornecem os melhoramentos da agricultura.

A quantidade maior ou menor de forragens artificiaes, suas qualidades diversas, os cuidados que recebem os animaes, e a escolha dos que se empregão na reprodução, exercem a maior influencia na formação das raças. Paizes naturalmente pouco ferteis, mas bem cultivados, podem produzir-as mui bellas; e a comparação de localidades idênticas no solo, mas cultivadas differentemente, mostra a influencia dos cuidados e desposas bem calculadas sobre terrenos estereis e as raças de animaes que n'elles se crião.

Não é difficil distinguir um cavallo de raça creado pelo homem rico e intelligente do cavallo do homem pobre creado nos mesmos lugares.

O homem tem tambem conseguido crear raças distinctas segundo os uzos a que tem pretendido destinar os cavallos, e segundo os caprichos da moda.

No estado de confusão, a que o acaso e a ignorancia tem redusido raças, que deverião ter-se conservado distinctas, vamos descrever as mais importantes, e notar as modificações menos essenciaes, que podem apresentar:

O duque de Guiche, na sua obra sobre o melhoramento dos cavallos em França, reduz todas as variedades da especie a duas grandes categorias. A primeira comprehende os cavallos ligeiros e tem por typo o cavallo inglez de puro sangue; a segunda os cavallos communs, cujo melhor typo é o cavallo bolonhez.

A distincção entre cavallos communs, e os que se chamão finos, nobres ou ligeiros, e que por abuso de palavras se costuma designar, com exclusão dos outros, sob a denominação de cavallos de raça, é boa; e é mesmo tão natural que sem calculo a admitte muita gente. Essa distincção é mesmo mais sensivel, segundo se examina mais profundamente a organisação dos animaes de que tratamos.

O typo inglez de puro sangue, e o bolonhez são bem escolhidos para fazer sobresahir as differenças existentes entre cavallos finos e cavallos communs; porém não podemos deixar de admittir typos secundarios em cada uma d'essas categorias.

O que mais fere logo a primeira vista no typo bolonhez e no inglez, puro sangue, é o caracter de força e corpulencia do primeiro,

e o de ligeireza do segundo. Um é grosso e curto, o outro delgado e longo. A anca do cavallo commum é curta, muito obliqua e descaida, seus rins e dorso são curtos, e a espada que não tem o comprimento da do cavallo fino aproxima-se mais da linha vertical. Nota-se uma conformação opposta no cavallo fino.

Situados ao longo dos ossos, os musculos, potencias activas da locomoção, concorrem para essas differenças. Nas raças communs são curtos e muito espessos; vê-se muitas vezes formarem na anca da raça bolonhesa duas massas arredondadas separadas por um rego que se prolonga até os rins; a anca e os rins são mais carnudos, as juntas da espadao menos seccas e menos elevadas, e o pescoço muito mais volumoso.

Se passarmos a examinar os tecidos nota-se logo no cavallo commum a espessura da pelle, a abundancia, o comprimento e a pouca elasticidade dos pellos e clivias e o desenvolvimento, e mollesza das partes corneas.

Dissecando esses animaes vê-se que os ossos dos cavallos communs, mais volumosos, dando maior apoio aos musculos são também mais porosos e mais leves; os musculos offerecendo na sua composição mais tecido celular e mezos fibras musculares, são flaccidos ou molles e devem ser menos energeticos. Observa-se que a pouca rigidez d'elles tira-se mesmo de baixo da pelle, quando são grossos e espessos, e não sustentados por *aponevroses* ou *enclucros* resistentes, que existem, por exemplo, nos ante-bracos, e nas pernas. Os ossos, os musculos, a pelle e seus anexos offerecem caracteres oppostos nos cavallos ingleses de puro sangue. As outras partes de sua organização explicão a grande vitalidade de que elles gozão. Seo coração, cerebro, e pulmões têm um desenvolvimento notavel. Os olhos são mais abertos e mais vivos; e enfim a configuração da cabeça, a largura do cranio e contribuem ainda a dar-lhes um ar de intelligencia que a experiencia não desmente.

O cavallo inglez é construido para correr com rapidez em linha recta, mas sem muita destreza na marcha e graça nos movimentos.

Entre os cavallos ligeiros ha raças mais elegantes e doces do que o cavallo inglez; assim como entre os outros, ha-os menos pesados que o bolonhez, e que á muita força juntão muita agilidade.

Vamos agora comparar com o cavallo inglez de corrida ou de puro sangue, typo de cavallos ligeiros que melhor merece essa qualificação, o typo mais brilhante para a picaria, o cavallo andaluz.

Bourgelat, Lafont-Pouloti, e outros esquireiros dos fins do seculo passado, traçãõ, mais aproximados da raça andaluza que da raça ingleza, os caracteres de um bello cavallo

de sella. Lafont-Pouloti quer que no cavallo de sella a linha tirada da ponta da espadao á da anca seja um decimo mais comprida que a linha que se estende desde a junta da espadao até o chão; e que representa a altura do cavallo, ao passo que nos cavallos communs essas duas linhas devem ser iguaes. Esta conformação pertence tanto ao typo inglez como ao typo andaluz. Outros caracteres pertencem também a um e outro, e obrigão a classificá-los ambos entre os cavallos finos; mas ha certas qualidades differencias que não permitem confundil-os.

O comprimento do corpo do cavallo inglez depende mais do comprimento da anca, da extensão e obliquidade da espadao que do comprimento dos rins. Sem serem notaveis por sua curteza a anca e a espadao do cavallo andaluz não são contido tão longas, e apresentão outras differenças. A anca menos longa é ao mesmo tempo menos carnuda, menos espessa e assemelha-se á do macho; as nadeças são mais delgadas, e entretanto os jarretes mais dobrados e os travaduros mais longos contribuem a chamar os pés trazeiros mais sob o cenuro de gravidade. Segue-se d'essa conformação que os pés trazeiros, encarregados de supportar maior parte do corpo do que se chegassem menos para baixo do cavallo, não podem fazer avançar os pés dianteiros com a mesma força, e que os musculos da anca e das nadeças, que contribuem muito para a extensão e força da progressão, têm uma acção mais limitada por causa do seu pouco desenvolvimento.

Com a marcha mais curta, o typo andaluz tem movimentos mais ardentes e mais graciosos. O menor impulso impresso aos pés dianteiros pelo descanso dos trazeiros permite dobrarem-se os raios dos membros anteriores, levantarem-se para tornarem a cair quasi no mesmo lugar, ao passo que na marcha mais rapida do cavallo inglez elles são levados para diante pela linha mais curta, isto é, passando rente do chão.

A conformação das partes anteriores concorre para essas differenças. No typo andaluz o peito é mais largo, as espadaos mais carnudas, o pescoço mais forte e naturalmente mais levantado do que no cavallo inglez. Os musculos que do pescoço vão ter aos raios superiores dos membros para os lancar para diante, tendo mais desenvolvimento e obrando em uma direcção mais aproximada da vertical, os movimentos tornão-se mais fortes e mais vivos. A liberdade nas espadaos, a altura dos movimentos, a flexibilidade e segurança da marcha são caracteres distinctivos do typo andaluz, ao passo que a velocidade é o característico do typo inglez. E' esta ultima qualidade que em França e Inglaterra mais se estima, mas deve-

mós notar que a extrema velocidade difficilmente concorda com outras qualidades bem apreciaveis. As qualidades de que é dotado o cavallo de picaria são não só agradaveis, como de primeira necessidade em certos serviços. O cavallo de guerra que não fôr docil, não parar com facilidade e girar sobre si mesmo sem grandes esforços, não pôde passar por um modelo de seu genero. Raras vezes encontram-se d'esses cavallos entre os inglezes. Todo o seu aparelho é construido para a progressão rapida; a cabeça lançada para diante torna os conductos do ar menos sinuosos e a respiração facil; mas com a grande difficuldade que tem o cavalleiro de fazer dobrar-lhe o pescoço, de trazer-lhe a cabeça á direcção vertical, que facilita a acção do freio, não pôde governal-o tão bem, e lhe é muito difficil executar as evoluções ordenadas.

Os cavallos communs não devem tambem confundir-se todos com o cavallo bolonhez. Os cavallos das diligencias e em geral de todas as carruagens publicas são, em França, mais velozes e menos pesados. Estes cavallos, que não têm na verdade caracteres oppostos ao typo bolonhez, formão comtudo uma classe diversa por terem as espadoas mais longas, as juntas mais salientes, o pescoço mais comprido e o ventre menor; condições essas que, tanto nos cavallos communs como nos finos, favorecem a progressão. Estes cavallos são tambem mais proprios para pucharém carruagens pesadas em estradas pouco regulares, do que os cavallos ligeiros, porque reúnem á muita força consideravel velocidade.

Julgamos portanto, pelo que vai dito, dever admittir typos secundarios, tanto na cathegoria dos cavallos finos como na dos communs. Ao cavallo inglez puro sangue referiremos as raças mais velozes, e ao andaluz os cavallos mais agradaveis e docéis. Ao bolonhez, nas raças communs, o que fôr mais proprio aos trabalhos pesados e lentos, fazendo outra classe dos que só prestão aos trabalhos pesados mas que são mais ligeiros.

(Continúa.)

Carlos Dallery, inventor da helice applicada á marinha.

Lê-se na *Illustração Francaza*, de janeiro ultimo:

« Na historia das descobertas humanas encontram-se consideraveis exemplos de ingratição e injustiça. A fatalidade quando se desencadêa contra certos homens persegue-os além do túmulo; e nem sempre consegue reintegrar o genio na legitima posse de seus direitos a posteridade mais imparcial ou mais

cordata. A despeito de tudo que ella fez, o novo continente conserva o nome do aventureiro Americo Vesputio, e, o que é mais singular, ao passo que Christovão Colombo não pôde legar seu nome ao continente que descobriu, Guillotin não pôde desligar o seu do instrumento fatal que não creou.

« A historia está cheia d'essas injustiças, e todo o homem nò que estiver ao seu alcance deve arrancar alguma victima d'esse martyrologio do genio.

« E' o que fazemos hoje a respeito do inventor da caldeira tubular e da helice empregada como meio propulsor.

« Já vozes mais autorizadas que a nossa reivindicarão em favor de Carlos Dallery a honra d'essa dupla e importante descoberta; e a esse processo, já ha bastante tempo julgado, apenas ajuntamos a humilde expressão da nossa admiração e do nosso amor proprio nacional.

« Foi em 1803, como testefica uma patente de privilegio, ao mesmo tempo em que Fulton fazia suas experiencias na America, que Carlos Dallery concebeu o pensamento de augmentar a superficie aquecedora de um aparelho evaporador sem augmentar o seu volume; tornando assim possivel a locomoção por meio do vapor.

« Remonta á mesma data o pensamento de applicar a helice como meio propulsor; e enquanto Fulton na America ensaiava para a navegacão o vapor com rodas motoras, Carlos Dallery em França combinava a acção do mesmo vapor com a de um parafuso sem fim. O pensamento de Fulton foi abraçado pelos seus contemporaneos, e pelo espaço de quasi quarenta annos temos visto inmensas rodas occuparem os flancos dos navios de vapor.

« O pensamento de Carlos Dallery, bem que não comprehendido a principio, não se perdeu, pois que hoje todas as marinhas se porfia adoptão a engenhosa e brilhante descoberta do nosso compatriota.

« Se Dallery apenas tivesse sido desconhecido no seu tempo, haveria apenas um pretexto de compaixão pela sua sorte, que é geralmente a dos livres e vigorosos pensadores; porém, foi ainda maior a injustiça para com elle; porque não só passou por louco entre os homens sensatos do seu tempo, o que já não é pequena gloria, como foi-lhe contestada a legitima propriedade de seu genio: de modo que a seus titulos de sonhador e de louco pôde acrescentar o de plagiario, senão mesmo o de *libusteiro* scientifico.

« Felizmente para Dallery, a verdade que muitas vezes *manqueja* acabou por se patentear, e por inscrever definitivamente o seu nome entre os genios mais notaveis do nosso paiz.

« A *Illustração* devia essa tardia homenagem ao homem que, por assim dizer, realçou a locomoção pelo vapor; e julgamo-nos felizes, pelo que nos diz respeito, que a expressão d'esta homenagem entre no quadro das nossas attribuições, e nos permita ser um echo da academia das sciencias, do instituto das provincias, e de todos os homens competentes n'esta materia, que têm rendido a Carlos Dallery a justiça que lhe é devida.

Felix Roubaud.

Curso de Economia Politica

POR MR. MICHEL CHEVALIER

2.^a edição.—1.^o volume.

A primeira edição d'esta obra foi pelo publico acolhida com tal benevolencia que bem explica a sua reimpressão actual. Terá porém igual acolhimento a segunda edição? Desconfiamos que não.

Independente do merito intrinseco do livro, muitas causas contribuirão, por occasião da sua appareição, para obter grande acceptação.

Antes de 1848, o socialismo tanto em sua boa como em sua má accepção, quer fosse o resultado de odioso ciúme, quer de sentimentos mais generosos, impregnava o ar que respiramos.

Além d'isso o commercio e a industria renavão sem contestação, e bem como todas as potencias do dia regosijavão-se com a exaggeração dos louvores com que celebravão seu triumpho e intallibilidade. Por isso a obra de Miguel Chevalier foi acclamada pelos partidarios da omnipotencia industrial como irrefutavel panegirico, e pelos futuros reformadores da sociedade, como obra de um tirado mas precioso amigo.

O socialismo e o san-simonismo são, com effeito, da mesma familia. Mas pondo de parte essa communhão de origem, certas expressões mal definidas do autor, os ataques algumas vezes pouco convenientes, em sua posição, contra a legislação existente, e contra um systema de impostos que não havia estudado; algumas de suas coleras, de suas admirações de suas esperanças erão de natureza tal que não se podia deixar de formar um juizo errado a respeito da natureza de suas opiniões. Além d'isso os sectarios acercavão-se d'elle tanto mais quanto erão mais felizes por suspeitarem seu correligionario um homem do talento e reputação de Miguel Chevalier.

Hoje temos já visto as obras dos reformadores, e o ensaio das theorias; magnificas promessas produzirão as mais cruéis decepções. N'este naufragio de doutrinas e expedientes a economia politica teve seu quinhão;

pois que tendo frazes communs com o socialismo, a fim de tornar mais preciosa a panacée de que se dizia depositaria, assignalava com indignação as miserias e os vicios da nossa organização social. Imprudente ella soprava o fogo sem sem se lembrar da proximidade da polvora prompta a fazer explosão.

Por isso acabada a luta, espantada da sua involuntaria imprudencia, vio-se obrigada a protestar pela pureza de suas intencões, e reclamar contra a interpretação dada ás suas formulas. No fundo tinha razão pois que não tinha peccado por maldade. Mas o publico inclina-se pouco a admitir a innocencia das causas quando os effeitos tem sido tão cruéis. A economia politica excita actualmente suspeitas, e por isso duvidamos que seja acolhida com fervor essa reimpressão, de que muitas passagens lembrão a phraseologia humanitaria de 1848.

A obra do Sr. Miguel Chevalier não é um tratado de economia politica. Deixando de parte os pontos de doutrinas muitas vezes ociosos, controvertidos entre os adeptos, preferio elle tratar unicamente das questões de importancia real e escolher aquellas mais em harmonia com seus talentos e conhecimentos.

Dexem-se distinguir d'entre as materias tratadas n'esto volume, as generalidades, e as questões especiaes. Na discussão das primeiras o autor, espirito mais lucido que profundo, mais brilhante que justo, arrastado por natureza a uma generalisação um tanto vaga, e a um enthusiasmo que cheira a lyrismo, parece-nos ter muitas vezes sacrificado o rigor do raciocinio a fôrças das linguagens. Arrastado por uma sentimentalidade nascida d'attenção aos factos que derrotab seu systema, e para as du explicações em vantagem propria entriucheirando-se em sophismas. A calamidades do passado e presente, que é forçado a confessar, oppoe promessas de um futuro sem nuvens, mas sem estabelecer de modo algum o fundamento das suas esperanças.

O Sr. Chevalier adquirio nos seus estudos o habito das formulas absolutas; e procede com as sciencias economica e politica como se fossem sciencias exactas; esquecendo que os factos moraes não se encadeão com o rigor mathematico. E' essa a razão porque esta primeira parte abunda em asserções systematicas, asserções paradoxas, vistas utopicas, taes como a organização do trabalho, a regularisação da producção, a fraternidade substituindo o antagonismo e a guerra. Magnificas promessas, tanto mais proprias a desviar as imaginações que se deixão levar de primicias impressões, quanto são apresentadas com notavel talento de estylo.

Em pomposa exposição, a cerca dos beneficos da industria o Sr. Chevalier mostra as

nações da Europa, approximadas pelo commercio, amando-se, estimando-se mutuamente, unidas por interesses solidarios, e não formando mais que uma família.

A seus olhos, o commercio, esse grande civilizador, deve fazer acabar com os conflictos sanguinolentos, reputados contrarios ao bom senso dos povos, e á intelligencia dos governos. D'hoje em diante a guerra é senão completamente impossivel, ao menos muito improvavel.

Desgraçadamente o passado protesta contra essa faculdade de pacificar attribuida ao commercio; e se muitas vezes aproxima os homens, não poucas os divide.

Consultando os annaes do genero humano, acha-se que tres grandes causas tem impellido as nações umas contra as outras: o espirito de conquista seguido da reacção das nacionalidades opprimidas, o proselitismo religioso, e as rivalidades commerciaes.

Na antiguidade vemos Carthago conquistar, afim de estender o campo aberto ás suas especulações. Na idade media, a rivalidade mercantil dos Genovoses, dos Pisanos, dos Venesianos ensanguenta o Mediterraneo; a grande Hansa funda por meio da guerra estabelecimentos nas praias do Baltico. As nações europeas disputão-se com as armas na mão a posse das terras de especiarias, e o monopolio do commercio da India. Emquanto as metropolis achão-se em paz ao norte do equador, no sul as companhias rivaes não deixão de continuar a mais encarnizada luta. No ultimo seculo o desejo de abrir a seos navios a America do sul fez a Inglaterra declarar guerra á Hespanha. Em nossos dias a mais iniqua aggressão dirigida contra a China teve por fim obrigar-a a receber o veneno que lhe dizima ou embrutece a população. A expedição dos Estados-Unidos contra o Japão foi uma intimação com as armas na mão para obrigar-o a commerciar com a America. Emfim se a guerra actual é tão popular em Inglaterra é porque atraz da politica ha para ella o interesse commercial.

Esses e outros exemplos provão que se commette grave e perigoso erro em ver no commercio um elemento puramente pacificador, e que o antagonismo dos interesses industriaes suscita guerras tão cruéis como a politica e a religião.

Se taes paradoxos se conservassem apenas no dominio da pura investigação pouco se notaria d'isso. Mas a economia politica entende que suas doutrinas tem de produzir fructos. Depois de ter proclamado a era proxima da fraternidade o autor reclama o desarmamento das nações, como uma consequencia natural. A attitude militar das potencias Europeas tornou-se um effeito sem causa, diz o Sr. Che-

valier que protesta ha 25 annos contra o orçamento da guerra e trata de espiritos apoucados aquelles que pedem, em nome da independencia nacional, a conservação dos exercitos.

1848, e 49 demonstrarão a futilidade d'essa crença de paz universal; a guerra actual veio dar-lhe um novo desmentido.

Ora o que seria do mundo civilizado, se a França escutando os conselhos do autor, tivesse destruido, ou sómente deixado abater-se o espirito e as instituições militares, que lhe permitem hoje obstar a marcha invasora dos Russos? Achando a França desprevénida, o autocrata, senhor de Constantinopla, arbitro da Europa, estaria talvez ás margens do Rheno repellindo da sua parte os Allemães, ao mesmo tempo victimas e complices do seos projectos de dominio religioso e politico.

Faltar-nos-ia espaço para discutir todos os paradoxos contidos n'este volume: vamos apresentar sómente alguns.

Aquelles que dizem que o excesso da producção é a causa constante das crises que trastornão o commercio, o autor responde que longe de se produzir muito, não se produz o sufficiente: que a questão de producção é demais d'isso distincta da de repartição; que as desgraças actuaes provém da falta de organização; pôr que a industria tem de forçosamente regularisar-se. Esquece contudo de nos indicar como será possível a manufactureros de todas as nações do globo concertarem-se para não fabricarem de cada objecto senão o que estiver na proporção das necessidades. Ora em quanto a producção não se tiver harmonisado, segundo a expressão do autor, ficaremos condemnados a ver romper-se periodicamente o equilibrio entre a producção e o consumo, por effeito da concurrencia auxiliada pelo poder illimitado do vapor e da mechanica. D'ahi a falta de trabalho e as variações dos salarios, causas tão energicas de miseria e desmoralisação das classes operarias.

O autor sustenta que existe a correlação mais intima entre o progresso industrial e o moral, e que o desenvolvimento da riqueza é a prova do adiantamento moral. Oppor-lhe-hemos dous exemplos sómente entre muitos outros.

O povo dos Estados-Unidos é de certo um d'aquelles em que a potencia productiva se tem mais desenvolvido, ou em que o progresso industrial realiado ha cincoenta annos é o mais proprio a abalar a imaginação. Ora, comparando o Americano de hoje devorado da febre de especulações e emprezas, animado do espirito de commercio a ponto de fazer do interesse material o unico regulador da sua conducta privada e da sua politica, comparando-o, dizemos, com a geração puritana,

economica, moderada em seus desejos e necessidades, que livrou ao paiz do jugo da Inglaterra, não hesitaremos em sustentar que nos Estados-Unidos a honestidade publica e particular diminuiu ao passo que a produção e a riqueza augmentarão. Comparem-se as maximas do governo dos primeiros presidentes d'essa republica com as publicamente professadas pelo congresso e gabinete ha vinte annos e digão-nos de que lado fica a moralidade.

No norte da Europa existe um pequeno povo que produz pouco, que não foi ainda invadido pela mechanica e pela divisão do trabalho, que não vende aos estrangeiros senão os productos de suas florestas, de sua pesca e de suas minas; é a Suecia e principalmente a Noruega. Pois bem, todas as observações concordão em proclamar a honestidade cordial, e a intelligencia cultivada das suas classes inferiores, muito superiores por sua instrução e moralidade ás da França e Inglaterra. Não se encontra lá a riqueza apparente, que dá a industria desenvolvida, mas o bem-estar é geral. Não ha luxo, mas as necessidades verdadeiras são satisfeitas.

O industrialismo chegando a um certo gráo não produz mais o bem estar real, provoca o egoismo, e o culto dos interesses materiaes. Entre os productores a concurrencia illimitada produz a má fé: os preços baixos, tão gabados como um progresso pelo autor, obtêm-se as mais das vezes a custa da qualidade; compra-se na verdade a mais barato, porém fica-se obrigado a comprar mais vezes; em summa depende-se o mesmo. A elegancia e a variedade dos productos seduzem o consumidor, e dão origem a necessidades que crescem mais depressa do que os meios de as satisfazer; e em breve julga-se tudo permitido para poder occorrer ás despesas do luxo que se tem tornado um habito.

Mr. Chevalier diz que o homem póde abusar de tudo, tanto da riqueza como da intelligencia e de seus mais nobres sentimentos; mas elle esquece que ha certas tentações, a que a humanidade succumbe quasi inevitavelmente, e que se lhe devem poupar.

Ora a sede immoderada das riquezas, ao mesmo tempo causa e consequencia de um desenvolvimento exagerado do industrialismo, tem por consequencias naturaes substituir os interesses materiaes aos sentimentos mais generosos e da ordem mais elevada, e de acanhar a intelligencia.

Podem-se citar alguns factos contra esta asserção; mas muito maior numero d'elles a confirmarão.

Em seu enthusiasmo pela industria manufactureira o author evita explicar-se sobre a depravação profunda observada entre os operarios das fabricas nas inquirições feitas em Inglaterra e França. Nada diz d'essa enervação

valetudinaria provada pelo recrutamento. Nega o abatimento do nivel intellectual resultante da divisão do trabalho, que obriga o homem a executar machinalmente uma só e mesma operação, e do emprego das machinas que o reduzem a ser uma roda do apparelho a que está ligado.

Sustenta mesmo que as machinas completando os trabalhos de força e a divisão do trabalho favorecendo as invenções mechanicas desenvolvem a intelligencia do operario. Tais paradoxos não se refutam.

Sim, as machinas são um beneficio, são incontestavel progresso, quando simples auxiliares são subordinadas á destreza, á intelligencia do homem que as põe em jogo. E' esse o caso da charrua, e das machinas-instrumentos, manejadas pelo habil operario, de todos os generos de alavanca que augmentão a potencia humana exercitando-lhe a reflexão.

Mas as machinas tornão-se um flagello quando, sendo substituidas á acção razoavel do homem, preenchem por si sós uma obra, reduzindo o obreiro ao acto machinal de ligar um fio, ou apresentar a materia-prima á dois cylindros, que d'ella se apoderão para transmittil-a a outras rodas, que não a largão senão depois de inteiramente transformada.

Sim, certas machinas são admiraveis invenções que attestão o genio do homem que as descobrio, mas que embrutecem os entes humanos condemnados a segui-las em sua acção como escravos. A generalisação das machinas tendo a constituir um feudalismo intellectual, no qual algumas intelligencias superiores provarão seu poder dominando sobre uma multidão estúpida.

A machinica tem tirado o capital das exigencias do trabalho, disse um manufactoreiro: em qualquer trabalho em que empregamos um homem fazemo-lo provisoriamente, a espera que se invente o meio de o dispensar. Tal é o ultimo fim da mechanica applicada, e é Miguel Chevalier que o diz, sem d'ahi tirar uma só indução contra essa potencia cega e invasora.

As objecções feitas contra as machinas Miguel Chevalier eré ter respondido victoriosamente desafiando seus adversarios a destruil-as se tiverem para isso poder.

Nenhuma pessoa de senso pensará em destruir o que existe. Nenhum povo deve privar-se dos mecanismos que lhe permitem sustentar a concurrencia industrial, assim como não deve deixar de adoptar o emprego das carabinas Miniés ou das peças a Paixhans, indispensaveis a combater com armas ignes. Porém a exactidão dos numerosos inconvenientes resultantes, na nossa opinião, da applicação muito geral da mechanica, deve ter outro resultado diverso do de quebrar as machinas.

Devem os governos, melhor esclarecidos, ab-

ter-se de animar pela legislação fiscal, por instituições e incentivos de todo o genero, o desenvolvimento da industria manufactureira, que lhes prepara populações menos intelligentes, menos robustas, menos economicas que a industria agricola. Fazei primeiro produzir a terra tudo quanto ella vos poder dar, e depois que não poder mais occupar os braços de vossos trabalhadores voltai-vos para industria. Estabelecei então uma taxa dos pobres para ajudar os operarios sem trabalho, e que pela concurrencia ganhão um salario insufficiente; condemnai-vos a procurar em todos os paizes mercados á exuberancia de productos que augmentão sempre além das necessidades. Verdadeiro tonel dos Danaides que a Inglaterra procura inutilmente encher ha 50 annos, vivendo de dia em dia de expedientes em expedientes e redusida em ultima analyse a deportar a população que não pôde nem occupar nem sustentar. Aceitai essa terrivel necessidade quando á ella fordes forçado, mas não vos adienteis; e para isso, reservai á vossas manufacturas o mercado nacional, que para uma grande nação é sempre a mais certa, e melhor clientela. Não esqueçais que no dia em que vossas fabricas acharem o mercado interno mais ou menos invadido pela concurrencia estrangeira ellas hão de procurar a principal sabida para o exterior.

Desde então o trabalho e a existencia de vossa população operaria dependerá das revoluções, das crises commerciaes, das condições economicas de nações rivaes ou loginhas, de causas em uma palavra sobre as quaes não exerceis a minima influencia.

(*Continúa.*)

CHRONICA DA QUINZENA.

A grande questão do mez foi, sem duvida alguma, apesar de muitos outros assumptos de importancia, a que tomou o nome de *Questão Villa Nova do Minho*. Ao grande escandalo das falsidades e do roubo veio ajuntar-se ainda o escandalo juridico de irregularidades palpaveis no julgamento de tão importante causa. O modo por que se portarão juizes, jurados, accusadores, defensores e réos deu em resultado uma oscillação de opiniões, que a ninguem satisfaz; e a moralidade publica não se julga ainda desaffrontada de todos os ataques que soffreu n'esses tristes successos, apesar da condemnação de todos os implicados menos um. No meio de toda a balbúrdia juridica, que escandalisava aos menos entendidos, só o Dr. Urbano conservou uma posição irreprehensivel; e como defensor do accusado Sousa Ribeiro chegou ao seu fim sem offender nem a jurisprudencia, nem a

logica. Dizemos, alcançou o seu fim, querendo dizer — demonstrou as theses enunciadas em favor de seu constituinte. Deve-se porém fazer uma justiça: são muito toleraveis n'um processo juridico quaesquer desvios que possão commetter os réos ou seus defensores. Outro tanto não se pôde dizer pelo que respeita aos que n'esses casos exercem funções publicas. É porisso que desculpando aos primeiros, não podemos deixar sem echo os clamores publicos contra o procedimento do juiz presidente do jury e de alguns jurados: o primeiro pela sua parcialidade manifesta, os segundos pelo criminoso deleixo e indifferença, que nem ao menos se dorão no trabalho de occultar.

Repetimos que a moralidade publica, longe de se achar desaffrontada, soffre ainda o peso de novas affrontas, com que se pretendeu allivial-a das primeiras.

Ao passo que estas preocupações escandalosas absorvião todos os espiritos, os homens que assentarão n'um plano de vida fixo, d'onde esperão derivar credito ao seu nome, e engrandecimento para o seu paiz, proseguirão no seu trabalho, e mostravão o que podem a perseverança, e os bons desejos intelligentemente dirigidos. O Dr. Antonio José Peixoto inaugurou em Botafogo a sua magnifica *Casa de Saude*. O Rio de Janeiro tinha extrema necessidade de um estabelecimento n'aquelle genero, apesar dos recursos gratuitos que a caridade official e privada offerece a todos que adoeceem n'esta cidade. Independentemente do asseio, ordem, commodos e regularidade com que é feito o serviço na casa do Sr. Dr. Peixoto, e que a tornão porisso muito recommendavel, ha n'ella um acrescimo que lhe dá grande superioridade, e vem a ser os aparelhos montados com toda a perfeição para os banhos de *duchas*. Só esta parte do estabelecimento poderia formar um estabelecimento distincto. É provavel que o Dr. Peixoto colha grandes vantagens que compensem sua perseverança e bons esforços.

Duas medidas de importancia tomou o governo que merecem aqui menção. Uma d'essas foi a exigencia, que d'ora avante se fará aos professores avulsos de instrucção primaria e aos de artes liberaes, para que apresentem, antes de começarem a exercer suas funções, certificados de sua moralidade e aptidão. Essa classe de professores tinha ficado esquecida na reforma moderna, e achava-se para com as outras n'um pé de desigualdade que as podia offender: agora ficão todas igualadas; e o ensino publico com mais uma garantia.

Havia entre nós uma falta sensivel que acaba de ser remediada, e pelo que merece o governo todos os elogios. Não tinhamos ainda uma carta geral do imperio que estivesse em

harmonia com todas as nossas divisões politicas e territorias: havia mesmo muitas questões puramente geographicas, sobre as quaes reinava a maior obscuridade. O coronel Conrado Niemeyer acaba de ser encarregado de um trabalho n'esse genero: cremos firmemente que elle o executará com toda a felicidade, e desde já lhe damos os emboras pela acertada escolha do governo.

Não cessão por parte dos nossos *bons amigos* do Porto as tentativas contra o nosso meio circulante, e ainda ha dias uma nova apprehensão de bilhetes falsos, importados d'aquella cidade, teve lugar na praia de Santa Luzia, isto ás tres horas da tarde. Os indigitados ou suspeitos achão-se presos e é provavel que se tenham de arrepender da sua ousadia. Assim o rigor das autoridades respectivas possa desanimar esses ousados gatunos, que tanto mal nos têm feito.

Além do que fica notado pouco se deu durante o mez que mereça menção, a não serem as grandes questões da *Praca* suscitadas a proposito da companhia de *Seguros Maritimos e Terrestres*. Ellas são porém tão complicadas e duvidosas que não queremos correr o riscó de uma inexactidão: não podemos mais do que referir a grande emoção que ellas têm causado no espirito publico.

N'estes ultimos dias começãõ a chegar os deputados do norte e sul, e cremos que felizmente d'esta vez abrir-se-ha a assembléa no dia marcado pela lei.

A actual sessão é esperada com indifferença: todas as questões politicas parecem mortas ou adormecidas, e se algum incidente não as vier despertar nada feremõs nas camaras que possa interessar os que amão as lutas parlamentares.

Maximas e pensamentos de Balzac.

Amar, chorar, gemer como a Magdalena no deserto é apenas o começo; o fim é obrar. Os mosteiros choravão e obravão, oravão e civilisavão, forão os meios activos da nossa divina religião, poisque edificarão, plantarão e cultivarão a Europa, ao passo que salvavão o thesouro dos nossos conhecimentos, e o da justiça humana, da politica e das artes. Ha de reconhecer-se sempre na Europa, o lugar d'esses centros radiosos. A maior parte das cidades modernas são filhas de um mosteiro.

Não ha em uma floresta sitio algum que não tenha significação; nenhuma clareira, nenhuma espessura deixa de apresentar analogias com o labyrintho dos pensamentos humanos.

Quem d'entro as pessoas de espirito culti-

vado, ou d'aquellas cujo coração tenha soffrido maguas pôde passeiar em uma floresta sem que lhe ella falle? Insensivelmente elevão-se do meio d'ella vozes consoladoras ou terriveis, porém mais vezes consoladoras que terriveis. Se se procurar bem as causas d'essa sensação ao mesmo tempo grave, simples, doce e misteriosa que de nós se apossa, talvez que achem no espectáculo engenhoso e sublime de todas essas creaturas que obedecem a seus destinos immutavelmente submettidas. Cedo ou tarde o sentimento esmagador da permanência da natureza enche o coração, commove profundamente, e conduz a uma ordem de factos mais elevados, que a quella em que até então tinham pairado os sonhos.

Emfim, colhe-se no silencio d'esses cimos elevados, no aroma d'esses longos ramos, nas suaves emanacões da herba florida e na serenidade do ar, uma especie de paz, de felicidade e a certeza de uma clemencia augusta.

Amo a vida feliz e tranquilla dos campos, onde a beneficencia é perpetua, onde as qualidades das almas grandes e fortes podem exercer-se continuamente, onde se descobre cada dia, nas produccões naturaes, muitos de admiracão, e nos verdadeiros progressos, nos melhoramentos reaes, a occupação digna do homem. Não ignoro que as grandes idéas produzem as grandes acções; mas como essa especie de idéas são mui raras, acho que de ordinario as cousas valem mais que as idéas. Aquelle que fertilisa um pedaco de terra, que aperfeiçoa uma arvore fructifera, que lanca uma semente em terreno ingrato, está muito acima d'aquelles que procurão fórmulas para a humanidade.

O joven advogado sem causas, o joven medico sem clientes, são a expressão mais frisante do desespero decente, peculiar á cidade de Pariz; d'esse desespero mudo e frio, vestido de casaca e calça pretas, que mostra as costuras esbranquiçadas como o zinco da agua furtada, de colete de setim fusidio, chapéo santamente economisado, luvas velhas e camizas de panfíolio. E' esse um poema de tristezas, sombrio como os segredos da *conciergerie*.

As outras miserias, as do poeta, do artista, do comediante, do musico são minoradas pela jovialidade particular ás artes, pelo deleixo do bohemio que leva as Thebaidas do genio. Mas esses dous casacos pretas que andão a pé, guiados por duas profissões para as quaes tudo é choga, e a que a humanidade só mostra seu lado vergonhoso, esses dous homens no principio da sua carreira só tem expressões sinistras, provocadoras, em que o odio e a ambição concentrados patenteão-se pelo olhar, se-

melhante aos primeiros esforços de um incendio occulto.

O artista que tem a desgraça de estar possuido da paixão que deseja exprimir, não a pôde pintar; porque elle é o proprio objecto, em vez de ser a imagem. A arte provém do cerebro e não do coração. Quando o objecto que quereis pintar vos domina, sois então escravo e não senhor; sois como um rei cercado por seu povo. Sentir muito vivamente no momento da execução é a insurreição dos sentidos contra a faculdade.

Fragmentos.

FOLHAS INTIMAS.

(Continuação.)

IV

De quem me devo queixar? Porque emfim o coração offendido precisa queixar-se de alguém, ainda que esse alguém seja uma sombra, uma visão phantastica filha de seus momentos de delirio.

Certo, não me queixarei de ti! Que culpa pôdes ter por me haveres inspirado este amor desgraçado?

Serão culpadas as estrellas do céu, por que á noite desferem seus raios luminosos e tremulos? Serão tambem culpadas as ondas que suspiram na praia porque accordam a melancolia da alma com seus cantos entrestecidos e monotonos?

Não me queixarei de ti, não. Antes abenço a Deus, porque escolheu para castigo de minhas ambições e loucuras, o mais bello instrumento que sahio de suas mãos divinas.

Tantalo maldicto vejo-me amarrado á columna de fogo de meus desejos, e nem um rocio do céu vem orvalhar-me a chaga do peito, nem um olhar teu me consola e anima nos transes angustiados de minhas noites de insomnia.

Amei-te, porque o mesmo Deus me deu uma alma capaz de comprehender-te e sobretudo um instincto amorozo pelo bello a que não se pôde furtar minha natureza!

Amei-te, porque és a mulher unica que tenho encontrado capaz tambem de comprehender todoo fervôr de meu affecto, toda a intensidade de meu amor, toda a grandeza e sublimidade d'estas violentas emoções que me abalam as fibras do peito até quasi estalal-as todas!

Oh! só tu poderás comprehender a verdade d'este sentimento que me punje, e que denominarei *paixão*, que é a palavra com que os philosophos tentam descrever as forças poderosas da natureza humana, essas correntes electricas que partem de nossa alma para ligar-se a um objecto exterior, ou loucura, que é o termo ge-

nerico com que o vulgo costuma exprimir tudo aquillo que elle não sente ou não pôde comprehender!

Dá-lhe tu o nome que quizeres, eu não encontro nem palavras nem sons com que possa convencer-te de toda a sinceridade de meus padecimentos e de meu amor!

Foi castigo do céu!

Eu devera ter cahido fulminado ao primeiro fatal momento em que nos encontramos: mais como não me olhaste, fui eu quem contemplei-te bem, quem sorvi um por um todos os teus encantos, quem aspirei perfume por perfume todas as exhalações embalsamadas que respirava teu seio, quem me fui pouco apouco embriagando com todas as perfeições de que te dotou a natureza e envolvido n'essa nuvem mysteriosa, embevecido nesse nectar suave que provei. . . bebi até a ultima gota o calice de fé e de amor que me devia envenenar a alma e a vida!

No entanto, eu o abenço, esse primeiro feliz instante, esse unico momento da minha vida, em que senti revelar-se em mim todo o vigor de minha natureza, toda a energia apaixonada de meu coração!

Foi um fado bem negro e bem cruel aquelles que separou nossos berços como separou nossos destinos!

Deveramos ter nascido ao mesmo tempo, crescido sempre juntos e iguaes na idade e no affecto; conheço que nossas almas foram feitas para serem irmãs, que nossos corações se formaram para existirem unidos, que fomos ambos creados para vivermos a mesma vida, respirarmos o mesmo ar, sentirmos as mesmas alegrias e os mesmos pezares, termos o mesmo lar e a mesma affeição, a mesma religião e o mesmo Deus!

Mas o destino não quiz!

Inda se ao menos eu te pudesse esquecer! . . . Mas não posso, sirva mesmo a confissão de minha fraqueza de prova de meu amor.

(Continúa.)

O espirito e a carne.

Entre os phenomenos do coração ou dos sentidos que se produzem quasi diariamente ao abrigo do véo espesso da familia, entre esses amores que desabrochão atraz da poltrona da avó, e quasi sob os olhos não desconfiados da mãe, como se ha de explicar essa singular paixão que impelle a joven donzella a esquecer algumas vezes o orgulho da sua timidez, e a idade do homem por quem se apaixonou?

Jacinho Du Portal morreo repentinamente na idade de 84 annos. Todas as pessoas de mais consideração de Rochefort acompanhão-lhe o enterro.

Esse excellento velho, de muitos annos viuvo, era como um membro de todas as familias da cidade.

Ja todos os dias passar uma hora n'esta ou n'aquella casa, jogava aqui uma partida de whist, ali uma de dominós, e em todas uma de lingua. Erudito sem pretensões, caustico sem maldade, sua conversação agradava á todas as idades.

Entre seus papeis acharão-se muitas cartas escriptas com uma letra miuda, delicada e timida. Essas cartas atadas com uma fita verde, parecião formar per si sós um pequeno romance. Cada uma d'ellas era acompanhada de uma pagina traçada pela mão do Sr. Du Portal. Era sem duvida a resposta por elle dada.

Não terciono explicar como me vierão ellas ás mãos.

Mais vale publicar esses fragmentos em toda a sua simplicidade.

« 25 de maio 18...

« Senhor.

« Haveis de julgar-me bem singular e bem louca. Escrevendo-vos tremo, como se por muito tempo não reflectisse em todas as consequencias d'esta expansão, que outrô, que não vós, poderia achar ridicula.

« Pensai na minha idade, senhor, e considerai o que me não foi preciso vencer para despedaçar essa barreira de timidez e de conveniências que a educação tem opposto aos impulsos do nosso coração.

« Aos vossos olhos sou apenas uma creança, e é bem provavel que tenhaes de sorrir da minha ingenuidade.

« Desejareis perguntar-me em que romance copiei a minha carta? Como se eu precisasse ler mais do que no meu coração!...

« Ha que tempos aprendi eu a ver-vos e conhecer-vos? Cresci a vossos olhos sobre vossos joelhos. Meo espirito formou-se na escola d'essas boas verdades, d'essa moral amavel, conciliadora, e perfeita que ensinaes como ninguém.

« Enquanto que ás noites parentes e amigos jogavão sua partida do costume, conversaveis comigo, e as vossas palayras penetravão-me no intimo d'alma.

« Sou tão creança, senhor, que não sei como expressar-vos a impressão que me ellas causavão; sou tão creança que não sei como declarar-vos que se algum dia tiver de deixar a casa de meo pai, desejo que esse homem a quem devemos dedicar toda nossa vida e

todo nosso amor, desejo que esse homem se-jais vós.

« Laura.

« P. S. Vinde esta tarde, como costumais. Ficarei no meo quarto até que me chegue a vossa resposta.

Du Portal á Laura...

« Sabe, minha querida filha, que se não fossemos tu tão creança e eu tão velho teria tentações de me ir contemplar a um espelho, o que me cobriria do mais solemne ridiculo.

« Meo primeiro impulso, depois que li a tua carta, foi dirigir-me á casa de teu pai, e felicitar-te pelos progressos que tens feito.

« A orthographia é boa, o estylo bem sustentado, bem que pretencioso, e a letra mui bonita; porém o objecto que escolhestê me parece singular, senão digno de censura.

« E' essa a unica razão que me impede de ler uma d'estas noites a tua narração nas nossas reuniões.

« Teo velho papá
Jacinho.»

« P. S. Não posso ir esta noite á tua casa. O tempo está humido e temo o rheumatismo, o que é bem natural na minha idade.»

« Laura B. . . ao Sr. Du Portal.

« Não me comprehendestes? E' possivel que respondesseis por um gracejo a uma confissão que tanto me custou? Não estou mais no caso de uma menina de escola. O que faço, faço-o com discernimento.

« Ameaçais-me de lêr a minha carta a meo pai. Isso seria uma bem desprezivel acção.

« Rir-se-ião de mim, não é assim? Pois bem! o por isso havia eu de amar-vos menos?

« Laura.»

« Du Portal a Laura B. . .

« Minha filha, os meus cabellos brancos cobrem uma cabeça sobre que peção sessenta e cinco annos. As mãos começaram-me a tremer; e o meu pobre coração apenas conserva um lugar para as affeições ternas. O menor abalo me envelheceria de repente e me causaria a morte.

« Peço-vos que vos observeis bem, e mediteis quanto vos enganastes acerca do sentimento que vos tem agitado.

« Casar com papá Jacinho, grande Deos! pois deveras pensais n'isso?

« Já imaginastes alguma vez uma cotovia dando o braço a uma tartaruga?

« Mas considerai-me bem! Sou da idade de vosso pai; os beijos que dá em vossa fronte devem ser mais quentes que os meos, porque

enfim é vosso pai e eu apenas sou um velho amigo, assim a semelhança de um retrato que vos tem sempre estado diante dos olhos, e que cada dia mais se vai apagando.

« Pobre *creança*, que desejais que um pedaço de pão se cubra de folhas, ou que um pedacinho de palha reverdeça o floreira ainda!

« Julgais que não fui também moço, e que meo coração não se encheu e esvasiou muitas vezes?

« Bateis em um tympano que não tem sons para resoar.

« O amor é a mocidade, é a força.

« Deixai o pobre velho caminhar em paz com seus ultimos companheiros, amizades e recordações.

« *Jacinto.* »

« *Laura B. . . . ao Sr. Du Portal.*

« Se são brancos os vossos cabellos, tendel-os tantos como se fossem negros.

« Se sobre vossa fronte tem pezado os annos, não lhe imprimirão signaes.

« Amo a belleza do vosso sorriso, amo a vossa voz e a vossa virtude. De que servem os arrebatamentos da paixão? Não os conheço, nem quero conhecer.

« Farei vossa velhice tão radiante e tão feliz, que vos julgareis moço ao pé de mim.

« Vejamos, nem ao menos merecerei uma recordação?

« *Laura.* »

« *Du Portal a Laura B. . . .*

« *Senhora.*

« Eis a ultima carta que de mim receberéis.

« Julgo inutil continuar uma correspondencia que tenderia a afastar-nos um do outro.

« Trevo, pensando que podesseis encontrar um homem bastante abandonado de Deos, que sacrificasse toda a vossa vida por alguns dias como os que me restão para viver.

« Roubar-vos o amor, a maternidade e essa serie de gosos que, extinguindo-se per si mesmos, conduzem-nos ao ultimo repouso calmos e cheios de fé, seria o mais execravel de todos os crimes.

« Adeus. Abraço-vos paternalmente.

« *Jacinto.* »

« *P.S.* Despedi-me hontem de vossa familia. Alguns negocios chamão-me a Paris por muitos mezes.

« *Laura B. . . . ao Sr. Du Portal.*

« Oh! ficai, ficai, por compaixão. Não tenho mais palavras para me expressar; se partis, morro!

« *Laura.* »

A carta que se seguia a este ultimo bilhete parece ser de data menos afastada.

Devemos suppôr que houve um intervallo de dous a tres annos.

« *Mme. Laura T. . . . ao Sr. Du Portal.*

Ormière, 28 de outubro de 18...

« Meu velho amigo. Ha perto de seis mezes que estou casada. Urbano é para mim o melhor dos maridos, e temos esperanças que em breve será o melhor dos pais.

« E' hoje que sobretudo admiro quanto fostes prudente e bom...

« Conteji tudo a Urbano, que deseja abraçar-vos com toda a effusão d'alma.

« Bem vêdes que deveis vir passar alguns dias em Ormière. Ser-vos-á mui agradável o ar do campo, e folgareis de vêr os felizes que fizestes.

« Não penseis que conserve o menor pesar do meu transporte de *creança*. Recordo-me ainda com certo encanto dos primeiros sentimentos que formulei, — e meu marido não é cioso.

« Vossa boa filha.

« *Laura.* »

Traduzido

Historia de uma sonata.

Ha alguns mezes achava-me eu em Bonn, patria de Beethoven. Encontrei ahi um velho musico que tinha conhecido intimamente o illustre compositor, e foi elle quem me contou a anedocta seguinte:

« Sabeis, disse-me elle, que Beethoven nasceo em uma casa da *Rheingasse* (rua do Rheno); mas, na época em que travei com elle conhecimento, morava por cima de uma pobre lojinha, perto do *Rœmerplatz* (praça dos Romanos). Estava então muito pobre, tão pobre que apenas sahia de noite para passear, em consequencia do estado miseravel de seus vestidos. Entretanto tinha um piano, pennas, papel, tinta e alguns livros; e apesar de suas privações desfructava ás vezes momentos de felicidade. Nesse tempo não estava ainda surdo, e podia pelo menos gosar da harmonia de suas proprias composições. Pouco depois nem mesmo lhe restou essa consolação.

Uma noite de inverno fui á sua casa; desejava levar-o a um passeio, e depois convidal-o a ceiar comigo. Achei-o sentado á janella ao luar, nem fogo nem luz havia no aposento, com o semblante escondido entre as mãos; o corpo todo tremia-lhe do frio excessivo que fazia. Despertei-o d'esse lethargo, resolvi-o a me acompanhar, e exortei-o a desterrar a tristeza. Sahimos por fim, mas

elle sombrio e desesperado repellio todas as minhas consolações.

— Aborreço o mundo, — disse-me com vehemencia — Aborreço-me a mim mesmo. Ninguem comprehende-me, nem se importa comigo. Sou um homem de genio e tratão-me como um paria. Tenho um coração, e não tenho a quem ame. Desejaria que tudo isto acabasse, de uma vez! Ha momentos em que me custa á resistir á tentação de me lançar ali.

E apontava-me para o Rheno, o largo Rheno, cujas ondas geladas scintillavão ao luar.

Não lhe dei resposta. Era inutil discutir com Beethoven, deixei-o continuar n'esse tom. Apenas calou-se quando entramos na cidade, e então mergulhou-se em um triste silencio.

Atravessavamos uma rua sombria e estreita; visihá da porta de Coblença quando de repente parou.

— Chut, — fez elle. — Que ruido é este? Appliquei o ouvido e ouvi os fracos accentos de um velho cravo que vinhão de alguma casa pouco distante. Era uma melodia plangente a tres tempos, e a pesar da má qualidade do instrumento, o tocador dava ao pedaço que tocava grande expressão de ternura.

Beethoven olhou para mim, com os olhos scintillantes.

— Isto é tirado da minha symphonia em F! — disse. — Aqui está a casa. Escutai!... como é isto bem tocado!...

A casa era de apparencia humilde, e pequena; via-se luz atravez das fendas das janellas. Parámos para ouvir. Quem quer que tocava continuava, e as phrases seguintes soárão com a mesma fidelidade, e expressão. No meio do final houve uma subita interrupção... silencio por um momento. Depois ouvimos um soluço suffocado.

— Não posso continuar mais, disse uma voz de mulher. Não posso tocar mais esta noite, Friedrich!

— Porque, minha irmã?

— Nem sei porque... parece que é porque isto é tão bello que me julgo incapaz de tocar como deve ser. Oh! que não daria eu para ir esta noite a Colonia! Ha um concerto no *Kaufhaus* onde se toca tudo que é bello em musica. Deve ser tão bonito um concerto!

— Ah! minha cara irmã, disse Friedrich suspirando, só os ricos podem ter esse prazer. De que nos serve forjar pezares por cousas que não podem ser? Com que custo não pagamos o aluguel da casa! Para que pensarmos em cousas que vão além do nosso alcance?

— Tendes razão, Friedrich. Entretanto, por momentos, quando toco, desejo ouvir uma vez na minha vida boa musica e bem executada. Mas é inutil, inutil!

Havia alguma cousa de singularmente to-

cante no tom e repetição d'estas ultimas palavras.

Beethoven olhou para mim.

— Entremos! — disse arrebatadamente.

— Entrar! — exclamei eu. — Como... para que havemos de entrar?

— Tocarei para ella ouvir, — replicou elle com vivacidade. — Ha n'ella sentimento, genio, intelligencia. Tocarei para ella ouvir, e ella me apreciará!

E antes que pudesse detê-lo já tinha as mãos na porta que, estando apenas fechada com o ferrolho, abriu-se logo. Segui-o por um corredor escuro até uma porta meio aberta á direita. Elle empurrou-a e entrámos em uma saleta pobre, com um pequeno fogão em um canto e alguns trastes grosseiros. Perto de uma mesa estava assentado um mancebo pallido, que trabalhava em um sapato. Ao pé d'elle, melancolicamente encostada a um antigo cravo, vimos uma moça sobre cujo rosto abatido cahia uma profusão de admiraveis cabellos louros. Ambos estavam aceiados, mas mui pobremente vestidos; levantáráo-se sobresaltados e voltáráo-se para nós assim que entrámos.

— Perdoai-me, disse Beethoven muito embaraçado. Perdoai-me, mas... mas ouvi musica e tive desejos de entrar. Sou musico.

A rapariga corou e o mancebo assumio um ar severo, quasi irritado.

— Sorpreendi tambem algumas de vossas palavras, — continuou o meo amigo. — Desejais ouvir... isto é, gostaríeis... em summa, quereis que vos toque um pedaço?

Havia alguma cousa de tão singular, de tão extravagante e brusco em tudo isto, e de tão jocoso e excêntrico nas maneiras d'aquelle que fallava, que a severidade desapareceu em um momento, e todos desatámos a rir.

— Agradeço-vos, — disse o sapateiro; — mas o nosso cravo é máo, e demais nao temos musica.

— Não tendes musica! — repetiu o meo amigo. — Como pois a *fraulein*...?

Parou e corou, porque a moça voltára-se para elle, e por seus olhos tristes e fechados reconhecéra que era cega.

— Eu... supplico-vos que me perdoeis, balbuciou elle; mas a principio não vi... tocáis então de memoria?

— Sómente.

— Em que lugar ouvistes essa musica se não frequentais os concertos?

— Escutava uma senhora nossa visinba, ha dous annos, quando moravamos em Brühl. No verão, durante as noites, tinha as janellas sempre abertas, e então passeiava diante da casa para ouvi-la.

— E nunca ouvistes outra musica?

— Nunca... excepto a musica das ruas.

Parecia intimidada, e Beethoven nada mais disse; assentou-se com todo o socego ao cravo e pôz-se a tocar.

Apenas soárão as primeiras notas que adivinhei o que ia succeder, e quanto elle seria sublime n'essa noite! E não me enganara. Nunca, nunca, durante todo o tempo em que gozei de sua intimidade, ouvi-o tocar como elle tocou para o ouvirem a joven cega e seo irmão! Nunca ouvi tanta energia, tanta ternura apaixonada, tantas infinitas gradações de melodia e modulação! Estava verdadeiramente inspirado; desde o momento em que com os dedos começou a percorrer o teclado, as notas do cravo parecerão abrandar-se e tornar-se mais iguaes.

Estavamos sentados offegantes a escutar; o irmão e a irmã mudos de espanto e como em extases.

O primeiro largára a obra em que trabalhava; a segunda com a cabeça levemente pendida para diante, havia-se approximado da extremidade do cravo, com as mãos comprimindo o peito, como se temesse que as palpações do coração interrompessem esses accentos de tão magica doçura. Parecia que estavamos todos dominados de extranho sonho, e que só receivamos despertar mui cedo.

De repente a chamma da unica vela que havia no aposento vacillou; o pavio, consumido até o fim, cahio e apagou-se. Beethoven parou. Então eu abri as janellas para deixar entrar os raios da lua. A claridade era quasi igual á que havia d'antes na sala, e derramava-se ainda mais viva sobre o musico e o instrumento.

Esse accidente porém parecia ter quebrado o fio das idéas de Beethoven.

A cabeça inclinou-se-lhe sobre o peito; e com as mãos apoiadas sobre os joelhos parecia mergulhado em profunda meditação.

Ficou assim por algum tempo.

Por fim o joven sapateiro levantou-se, aproximou-se d'elle e disse em voz baixa e com respeito:

— Quem sois vós, homem espantoso?

Beethoven levantou a cabeça, e encarou-o com ar distraido, como se não houvesse comprehendido o sentido de suas palavras.

O sapateiro repetio a pergunta.

O compositor sorriu-se, como só elle sabia sorrir, com uma doçura e benevolencia reaes.

— Escutai — disse elle — e tocou as primeiras medidas da symphonia em F.

Dos labios do irmão e da irmã escapou um grito de alegria; acabavão de o reconhecer e exclamarão: — Vós sois Beethoven! — e cobrirão-lhe as mãos de beijos e lagrimas.

Elle levantou-se para sahir; porém as nossas supplicas conseguirão demoral-o.

— Tocai ainda uma vez, sómente ainda uma vez?

Elle deixou-se conduzir ao instrumento. Os raios da lua entravão brilhantes pela janella desguarnecida de cortinas e illuminavão-lhe a fronte fechada e severa.

— Vou improvisar uma sonata *ao luar*, — disse então com ar risonho.

Contemplou por alguns momentos o céu semeado de estrellas; depois apoiou os dedos sobre o teclado, e começou a tocar em tom baixo, e triste, mas infinitamente agradável; a harmonia sahia do instrumento doce e igual como a claridade que a lua derrama sobre as sombras da terra. Essa deliciosa introdução foi seguida de um pedaço a tres tempos, vivo, ligeiro, caprichoso, especie de entremes burlesco, como os passos de donzellas doudejan-tes dansando em um relvado a meia noite.

Depois seguiu-se um rapido *agitato finale*, um movimento esbafoado, vacillante, precipitado, como descrevendo a fuga e incerteza, um terror vago e instinctivo, que nos arrebatou em suas azas tremulas, e nos deixou por fim sorprendidos e commovidos.

— Adeos, — disse Beethoven arrebatadamente, repellindo a cadeira e dirigindo-se para a porta. — Adeos.

— Haveis de voltar, não é assim? — perguntarão-lhe ambos os irmãos ao mesmo tempo.

Elle parou e encarou a joven cega com ar de compaixão, quasi de ternura.

— Sim, sim, — respondeo precipitadamente — eu voltarei e darei á *fraulein* algumas lições. Adeos... eu voltarei logo.

Elles acompanharão-no até a porta com um silencio mais eloquente do que as palavras, e ficarão em pé no limiar até que não nos poderão ver nem ouvir mais.

— Vamos depressa para casa — disse-me Beethoven na rua — Vamos depressa, quero escrever esta sonata enquanto se me conserva na memoria.

Chegamos e elle escreveu-a até muito depois de amanhecer o dia.

Tal é a historia da *sonata ao luar* de que nós todos gostamos tanto. »

Eu ainda dava attenção ao velho musico depois que acabou de fallar.

— E Beethoven deu depois lições á moça cega? — lhe perguntei por fim.

Elle sorriu-se melancolicamente sacudindo a cabeça.

— Beethoven nunca mais tornou a pôr os pés n'essa humilde casa. Passada a excitação, passou-lhe tambem o interesse pela cega; e ainda que o irmão e a irmã o esperassem por muito tempo, como é natural, nunca pensou mais n'elles, excepto talvez quando suas vistas se lançassem sobre as paginas d'essa sonata... E não é essa a regra ordinaria da vida?

Amelie Edwards.